



CHICAS MUERTAS DE SELVA ALMADA: ROMANCE NÃO FICCIONAL DE COMBATE À VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Ludmilla Oliveira SOUTO (UEPB)¹
Ákyla Mayara Araújo CAMÊLO (UEPB/UFCG)²

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o papel dos poderes públicos no romance-reportagem *Chicas muertas* da escritora argentina Selva Almada, desde uma perspectiva sócio-política. A mencionada obra, apresenta narrativas não ficcionais que representam a luta contra a cultura do feminicídio na América Latina, nesse contexto, a literatura contemporânea de autora feminina torna-se um meio de combate contra a violência de gênero. Teoricamente, nos embasamos nos estudos de Elsa Drucaroff (2011), para refletir sobre a Nova Narrativa Argentina; nos estudos de Bonnici (2007), Lugones (2012) e Camêlo (2022) no que tange aos movimentos feministas; e, em Rildo Cosson em seu artigo “Na fronteira, sem passaporte: o romance-reportagem e a crítica” (2002) em que tece reflexões e conceitua o romance-reportagem. Em suma, acredita-se que esse estudo pode ser visto como modo de divulgação da obra em contexto brasileiro, além de uma forma de resistência ao esquecimento dos assassinatos das jovens apresentadas nos enredos.

Palavras-chave: Feminicídio. Feminismo. Violência de Gênero. Literatura de autoria feminina argentina.

Abstract: The aim of this work is to analyze the role of public authorities in the novel *Chicas muertas* by Argentine writer Selva Almada, from a socio-political perspective. This work presents non-fictional narratives that represent the fight against the culture of femicide in Latin America. In this context, contemporary literature by female authors becomes a means of combating gender violence. Theoretically, we draw on the studies of Elsa Drucaroff (2011) to reflect on the New Argentine Narrative; on the studies of Bonnici (2007), Lugones (2012) and Camêlo (2022) with regard to feminist movements; and on Rildo Cosson in his article “Na fronteira, sem passaporte: o romance-reportagem e a crítica” (2002) in which he reflects on and conceptualizes the reportage novel. In short, it is believed that this study can be seen as a way of publicizing the work in the Brazilian context, as well as a form of resistance to forgetting the murders of the young women featured in the plots.

Keywords: Femicide. Feminism. Gender violence. Argentine women's literature.

Introdução

A literatura desempenha um papel relevante na sociedade desde os seus primórdios à contemporaneidade, em decorrência do seu comprometimento com a propagação do

¹ Graduada em Letras Espanhol pela a Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, Brasil. E-mail: lud.souto18@gmail.com.

² Doutoranda e mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), graduada em Letras Espanhol pela mesma instituição. Atualmente atua como professora no curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: akylamayaraaraujocamelo@gmail.com.



conhecimento e da cultura, além de permitir que o leitor adentre na fabulação e fantasia através do prazer de ler. Todavia, não se limita a essas características, e entre várias outras, não podemos esquecer que representa a vida social, seja por meio da ficcionalização ou da representação da realidade. Também provoca questionamentos de valores e reflexões.

Nesse contexto literário, destaca-se a escritora argentina Selva Almada. Ela entrelaça, em seus textos, vivências individuais e recordações coletivas. Compromete-se, através da sua escritura, com a recuperação e propagação de memórias de mulheres que, historicamente, foram brutalmente assassinadas e esses crimes, ignorados. Tomando por base tais argumentos, definimos como objetivo desse artigo, analisar o papel dos poderes públicos no romance reportagem *Chicas muertas* de Almada desde uma perspectiva sócio-política.

O mencionado livro descreve o assassinato de três adolescentes dos anos oitenta, cujos crimes ficaram impunes, em um período que pouco se falava a respeito do termo do feminicídio, apesar desse crime hediondo existir desde as épocas mais remotas e vir se intensificando cada dia mais em nossa sociedade. Essa cultura do feminicídio é o fio condutor das histórias apresentadas na obra, e em nossa análise, intensificamos as críticas através de reflexões sobre o posicionamento das autoridades políticas da época. No enredo, se observa a narração dos fatos como modo de convidar o leitor a testemunhar e confrontar a realidade e a falta de apoio prestado aos familiares das vítimas.

Para aprofundar as discussões, iniciamos o artigo com algumas reflexões a respeito das ondas dos movimentos feministas desde a sua formação aos dias atuais através dos estudos de Bonnici (2007), Lugones (2012) e Camêlo (2022). Nos apoiamos em Milreu (2019) no que se refere ao Boom literário feminino, em Elsa Drucaroff (2011) quanto a Nova Narrativa Argentina, e, em Eliane da Silva (2024) quanto a crítica da obra *Chicas Muertas*.

Acreditamos que essa narrativa se configura como uma forma de resistência ao esquecimento dos assassinatos das jovens protagonistas as quais foram ignoradas pelas autoridades públicas argentinas, além disso, atua como um meio de luta contra a cultura do feminicídio que permeia a nossa sociedade até os dias atuais.

1. Reflexões sobre o feminismo e a Nova Narrativa Argentina

A Argentina passou por transformações significativas em seu meio cultural e político-social nas últimas décadas, em que se inclui o regime da ditadura militar e das transições democráticas, que provocaram o silenciamento e a exclusão social. Nessa conjuntura, o surgimento da chamada “Nova Narrativa Argentina” (doravante NNA) e o avanço dos



movimentos feministas se configuram como acontecimentos importantes nesse panorama evolucionar, tendo em vista que contribuem com a transformação da identidade nacional.

Os princípios da NNA se conectam, em partes, com os pensamentos dos movimentos feministas, pois ambos enfatizam a relevância de encarar as estruturas de poder e reconhecer as vozes e experiências que historicamente foram marginalizadas. Uma vez que as raízes do povo argentino foram marcadas por conflitos políticos e sociais, agora vem sendo reescrita como modo de incluir aqueles grupos que antes eram silenciados.

De acordo com Camêlo (2022, p.63), os movimentos feministas “[...] iniciaram nas décadas finais do século XVIII, na Inglaterra, como estratégia de reivindicação e luta pela igualdade e pelos direitos da mulher.” Conseqüentemente, com os avanços e multiplicidades de reivindicações esses grupos foram se subdividindo.

Segundo Bonnici (2007, p.218), a primeira onda do feminismo “[...] abrange o ativismo literário, cultural e político a partir das décadas finais do século 18 até a luta pelo direito do voto feminino nas primeiras décadas do século 20.” Já no final do século, se observa o aumento de publicações de obras literárias escritas por mulheres. De acordo com Camêlo (2022, p. 64):

A segunda onda, entendida como um ativismo literário, cultural e político, que visa, sobretudo, a emancipação da mulher, iniciou-se com a publicação de *O segundo sexo* (1949), de Simone de Beauvoir³. Essa obra logo foi reivindicada pelo Movimento pela Libertação da Mulher na década de 1960, e, a partir daí, expandiu-se a outros países.

Apesar de observarmos progressos significativos em prol da igualdade de gênero, os avanços não param por aí. A terceira onda do feminismo teve sua aparição nos anos 90, no qual a ativista Rebecca Walker⁴, foi a responsável por cunhar o termo *Becoming the Third Wave* cuja tradução significa, tornando-se a Terceira Onda. Em seu ensaio, denunciava o sexismo constante do início dos anos 90 e chamava todas as jovens a se juntarem à luta feminista.

De acordo com Bonnici (2007, p. 252), “A crítica conservadora de pós-feministas aponta que as mulheres têm todas as garantias sociais e legais necessárias para viver em paridade na sociedade contemporânea”. Nessa linha de raciocínio, o feminismo deixava de ser algo indispensável, pois de acordo com os seguidores da mencionada crítica, as mulheres já

³ Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma escritora francesa, teórica social, filósofa existencialista, ativista política e feminista. Entre seus escritos sobre filosofia política e questões sociais, destaca-se o livro *O segundo sexo* (1949), o qual problematiza a opressão sofrida pelas mulheres e é uma obra fundamental para os estudos dos movimentos feministas.

⁴ Rebecca Walker é uma escritora, feminista e ativista norte-americana, considerada uma das principais vozes da terceira onda do feminismo desde que publicou um artigo na revista *Ms.* em 1992 onde proclamou: "Tornando-se a Terceira Onda."



havam conquistado todos os seus direitos sociais desejados através das ondas feministas. A Terceira Onda contesta as definições estruturalistas da feminilidade que se interessam, especialmente, nas vivências por mulheres brancas da classe média da alta da sociedade, e busca que o debate de classe e raça ganhe mais visibilidade além de enfatizar a necessidade de um movimento feminista que abrace o máximo de mulheres possíveis, respeitando a diversidade entre elas.

Como resultado do reflexo das ondas do feminismo, surgiram outros submovimentos, em que se encaixa o feminismo decolonial, que de acordo com Lugones (2012), se refere a um movimento de luta pela igualdade de todas as mulheres latino-americanas, indígenas e minoritárias que são esquecidas pelo feminismo eurocêntrico clássico, que inferioriza muitos povos através da classe, raça e gênero. O termo decolonial nos conduz a uma compreensão da descolonialidade, dos efeitos da colonização na vida dos povos latino-americanos. Além disso, o feminismo decolonial critica a visão branca e eurocêntrica do pensamento e da prática feminista, que acredita que o feminismo é apenas para as mulheres, especialmente para as mulheres que são privilegiadas pela classe, raça e sexualidade.

Frente a diversidade cultural e desigualdade social, existente na América do Sul, muitas mulheres de movimentos feministas se juntam em diversas formas e com diferentes intenções, para uma luta em comum. O feminismo na Argentina ganhou grande destaque na década de 1970, em um período marcado fortemente pela repressão da ditadura militar. Entre 1976 e 1983 se desenvolveu o chamado movimento *Madre de la plaza de Mayo* - uma associação argentina de mães que tiveram seus filhos assassinados ou desaparecidos durante a ditadura militar-, cuja luta veio como resposta social em termos de resistência e símbolo de denúncia das violações de direitos humanos. O feminismo argentino vem moldando a sociedade e a política do país ao longo dos anos, desempenhando um papel fundamental na luta pelos direitos das mulheres, visando a resistência de igualdade de gênero e o enfrentamento do feminicídio.

Percebemos que os movimentos funcionam como modo de pressionar o governo argentino para que tome medidas mais severas quanto aos altos índices de feminicídio no país. Através das lutas das mulheres, houve alteração no código penal argentino, pela Lei n.26.791/2012), durante o mandato da presidenta Cristina Fernández de Kirchner, vejamos: “O feminicídio é definido no artigo 80, 11, como homicídio qualificado em razão de ter sido praticado contra mulher em decorrência do seu gênero ou quando o agressor era seu cônjuge. O crime é punido com prisão perpétua”.

Apesar de configurar-se como crime hediondo e resultar na mencionada prisão perpétua, os dados estatísticos aumentam cada dia mais, ou seja, os crimes de feminicídio ainda são



constantes na sociedade atual. Entre as ações destacadas contra o assassinato de mulheres e a misoginia contemporânea, nos cabe mencionar movimentos como o *Ni Una Menos*⁵, no qual se pode notar uma ampliação da força social em decorrência das reivindicações e manifestações na luta em favor dos direitos das mulheres. Essa marcha levou milhares delas das ruas até o Congresso Nacional da Argentina, em Buenos Aires. No início, em 2015, tinha como pauta o protesto pelo o assassinato da jovem Chiara Páez, de 14 anos, que foi morta pelo seu companheiro. Atualmente, trata-se de um manifesto das mulheres pelo combate ao feminicídio e as demais violências de gênero na América Latina.

Com relação ao contexto literário, como consequência dos movimentos feministas, surge um fenômeno considerado por estudiosos como o Boom literário feminino, o qual evidencia o sucesso das reivindicações feministas na esfera das letras. De acordo com Milreu (2019, p.88), o mencionado Boom refere-se ao movimento de resgate e ampla visibilidade das produções literárias femininas, as quais passaram por um longo período ocultas em decorrência do machismo implantado pela sociedade patriarcal.

Esse sucesso foi caracterizado pelo aumento das produções, publicações e reconhecimento de obras escritas por mulheres nos tempos atuais, o qual consideramos como um avanço fundamental para a divulgação das literaturas de autoria feminina, tendo em vista que historicamente as escritoras enfrentaram a desigualdade no quesito visibilidade e mercado editorial.

Apesar da mencionada invisibilidade histórica, escritoras tiveram e têm papéis essenciais no meio social, e muitas de suas obras, atualmente, são reconhecidas pela crítica literária. Nesse cenário, a estudiosa Elsa Drucaroff, aponta para o conceito de NNA, a partir de um recorte literário de autoras que escrevem sobre os reflexos sociais da violência da ditadura militar.

A NNA surgiu entre 1999 e 2000 como resposta a um conjunto de mudanças sociais, políticas e culturais que deram início à transformação do país. Essa literatura de pós-ditadura tem características marcantes por buscar justiça, reconciliação e a identidade argentina, implicando a uma reavaliação crítica do passado do país, em que se inserem os períodos do regime militar. A crítica literária Drucaroff desenvolveu um papel significativo na construção da NNA, justamente por desafiar a forma como o povo argentino se enxerga e relata sua história,

⁵ O movimento *Ni una a menos*, trata-se de uma marcha que movimentou mais de 200 mil mulheres nas ruas argentinas e foi organizado desde das redes sociais em junho de 2015. Tem como objetivo, a luta por políticas públicas em prol da igualdade de gênero e preservação do bem-estar das mulheres.





nesse sentido, seus pensamentos críticos vêm contribuindo para uma percepção mais aprofundada dos acontecimentos em meio a ditadura militar. Vejamos:

A narrativa argentina das gerações de pós-ditadura representa um trauma nacional, geracionalmente dividido, que pode ser lido em procedimentos e temáticas das obras e remetem, não necessariamente de forma explícita nem necessariamente desde os conteúdos, aos efeitos de um acontecimento histórico concreto: a ditadura militar.⁶ (Drucaroff, 2011, p.24, tradução nossa).

A NNA adentra em uma reavaliação crítica da história do país, mostra as injustiças e contradições do passado. Drucaroff abrange essa reformulação ao questionar as narrativas tradicionais e ao frisar aspectos de negligência na história argentina. As características das ondas do feminismo se entrelaçam com a Nova Narrativa Argentina pois buscam desconstruir o pensamento de uma individualidade argentina homogênea em prol de uma percepção mais diversa e rica, visto que, ambos os movimentos trabalham a interseccionalidade com a luta por justiça social levando em consideração as diversas dimensões da opressão.

Esses dois aspectos sociais têm desempenhado um papel significativo na evolução do meio social e da literatura, tendo em vista que compartilham uma visão de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, desafiando o sistema de poder que historicamente marginaliza grupos étnicos e de gênero. O ponto chave entre eles é a interseccionalidade que os une permitindo uma concepção mais profunda das experiências de opressão, eles fazem parte de uma conversa global mais vasta por justiça social e direitos humanos, seus pensamentos trazem uma lição que pode ser aplicada em âmbitos além das fronteiras argentinas.

2. Análise do romance reportagem *Chicas muertas*

A obra *Chicas Muertas* da escritora argentina Selva Almada foi publicada no ano 2014 e foi bem recepcionada pela crítica literária, sendo finalista do Prêmio Rodolfo Walsh. Configura-se como não-ficção e reconstrói, em seu enredo, a história de três adolescentes: Andrea Danne, de 19 anos; Maria Luísa Quevedo, de 15 anos; e Sarita Mundín, de 20 anos. Três casos reais das garotas que foram cruelmente assassinadas na província de Entre Rios na Argentina dos anos 80, logo após a redemocratização do país.

⁶ La narrativa argentina de las generaciones de postdictadura” refiere a un trauma nacional, generacionalmente compartido, que puede leerse en procedimientos y temáticas de las obras y remite, no necesariamente de forma explícita ni necesariamente desde los contenidos, a los efectos de un hecho histórico concreto: la dictadura militar. (Drucaroff, 2011, p.24).



O livro une elementos literários e jornalísticos, ou seja, configura-se como uma constituição híbrida e leva o nome de romance-reportagem. No artigo “Na fronteira, sem passaporte: o romance-reportagem e a crítica”, Rildo Cosson (2002, p.237) informa que se refere a um gênero desenvolvido como consequência do contexto político dos anos 70, em que a ditadura militar justificava o uso da literatura como meio de expressão.

Em *Chicas Muertas*, Almada utiliza-se do mencionado artifício para explorar questões de violência, gênero e políticas públicas, através de relatos da vida dessas jovens. Para desenvolver o texto, a escritora utilizou os seguintes recursos: entrevistas com os familiares e amigos das vítimas, além de fragmentos jornalísticos. De acordo com a dissertação intitulada *Memórias e narrativas femininas como manifesto feminista: uma análise de Garotas Mortas (2018) e Praia dos Ossos (2020)*, Eliane da Silva (2024, p.15) aclara que “A obra se enquadra no gênero romance literário, fazendo esse híbrido entre ficção e não ficção, pois se vale de recursos da narrativa literária para preencher lacunas sobre detalhes que não foram revelados por meio de sua investigação”. No enredo, a autora evidencia o processo da investigação utilizado e narra as recordações de quando sofreu abuso verbal e assédio na sua juventude, manifestando-se contra o machismo e a cultura do feminicídio como se observa a seguir:

Otra vez un tipo joven, en un coche caro y que manejaba a gran velocidad, me dijo que era ginecólogo y empezó a hablarme de los controles que una mujer debía hacerse periódicamente [...] Y mientras siguió hablando y manejando estiró un brazo y empezó a toquetearme las tetas. Me quedé dura, el cinturón de seguridad atravesándome el pecho. Sin apartar la vista de la ruta, el tipo me dijo: vos sola podéis detectar cualquier bultito sospechoso que tengas, tocándote así, ves. (Almada, 2014, p.14)

Na citação acima se nota que Selva Almada reconstrói sua própria história como sobrevivente. Em seu livro, também assegura que *Chicas Muertas* (2014) começou a ser escrito em 1986, “[...] cuando la chica muerta se cruzó en mi camino. Ahora tengo cuarenta años y, a diferencia de ella y de los miles de mujeres asesinadas en nuestro país desde entonces, sigo viva. Solo una cuestión de suerte.” (Almada, 2014, p. 76). A autora examina abaixo como as instituições estaduais falharam em proteger as jovens vítimas e em buscar justiça para os casos:

Em meio à euforia nacional com o retorno da democracia depois de uma ditadura sanguinária, os três casos permaneceriam sem solução, sendo tratados como acontecimentos quase banais. Afinal, eram apenas crimes “menores” na província. Três mortes sem culpados. (Almada, 2018, n.p.)

As investigações de início foram marcadas pela negligência e pela afirmação de que as mortes foram provocadas por causas naturais. As autoridades do país evitavam lidar com a



realidade que permeava a violência contra a mulher, e essa questão se observa nas palavras de Almada (2014, p.9), ao afirmar que “[...] todavía en nuestro país desconocíamos el término femicidio”. Nesse contexto, foi necessário um espaço de tempo para que os fatos se tornassem memórias sobre o feminicídio e posteriormente, fossem postas em debates sociais.

O livro tece críticas à política de segurança pública e direitos humanos, destacando uma série de deficiências e lacunas no sistema de justiça nos casos dessas jovens. A narradora frisa a falta de interesse e empatia das autoridades das províncias. Infelizmente o desinteresse por esses casos permanecem, fato que evidencia que vivemos em uma sociedade que naturalizou a hierarquia do patriarcado através do machismo, cultura do feminicídio, violência e do estupro como se observa na narrativa de Selva Almada:

Hace un mes que comenzó el año. Al menos diez mujeres fueron asesinadas por ser mujeres. Digo al menos porque estos son los nombres que salieron en los diarios, las que fueron noticia. Mariela Bustos asesinada de 22 puñaladas en Las Caleras, Córdoba. Marina Soledad Da Silva, a golpes y arrojada a un pozo, en Nemesio Parma, Misiones. Zulma Brochero, de un puntazo en la frente, y Arnulfa Ríos, de un disparo, ambas en Río Segundo, Córdoba. Paola Tomé, estrangulada, en Junín, Buenos Aires. Priscila Lafuente, a golpes, medio quemada en una parrilla y luego arrojada a un arroyo, en Berazategui. Carolina Arcos, de un golpe en la cabeza, en una obra en construcción[...] (Almada, 2014, p. 76).

A citação reforça que os dados apontam para altos índices de casos de feminicídio, todos os anos em números crescentes. Muitas dessas vítimas sofrem em silêncio, são ignoradas e subjugadas em uma sociedade historicamente e culturalmente patriarcal. Seguindo esse mesmo viés, a pesquisadora Eliane da Silva (2024, p. 18) intensifica a crítica ao afirmar que “[...] as mulheres ainda são culpadas pelas violências que sofrem, mesmo depois de mortas, ainda continuam sofrendo violência moral, através de um sistema patriarcal que trabalha de forma incessante para exonerar a culpa do agressor e atribuí-la à vítima”. Em suma, as mulheres, sempre são julgadas, em alguns casos, através de comentários que tentam invisibilizar ou diminuir suas dores, como modo de eximir o agressor.

De modo geral, em sua obra, Selva investiga os eventos reais e adentra nas histórias das vítimas em busca de respostas mais claras sobre a morte das jovens, através de conversas com as pessoas próximas que já se mostravam cicatrizadas emocionalmente devido aos assassinatos. Nessa perspectiva, percebemos que a obra *Chicas Muertas* (2014) propicia uma reflexão sobre a violência contra as mulheres na sociedade e a falta de justiça nos casos de María Luiza, Sarita e Andrea. Nesse contexto, nos parece interessante incluir as palavras de Vásquez Mejías:



En rigor, la sexualidad es política porque lo íntimo es político y porque el cuerpo es político. Por ello en la escritura de mujeres el cuerpo como materia ha ocupado siempre un lugar cardinal, desde que el feminismo de la diferencia estableciera la analogía texto-cuerpo (véase Palaisi-Robert y Torras Francés). Es claro: el cuerpo de la mujer ha sido considerado tradicionalmente propiedad del hombre, mercancía y producto para el patriarcado, que la cosifica y somete a través de la violencia/violación: “hablamos de feminicidio justo por la inoperancia del gobierno a la hora de proteger a las mujeres en peligro y resolver los crímenes, porque su condición social precaria las hace mayormente susceptibles de transformarse en víctimas y, luego, en un número más, contenidas en hojas burocráticas (Vásquez Mejías, 2015, p.164).

A citação acima, trata da interseção entre o corpo, a política e a sexualidade, bem como a luta feminista contra a violência de gênero e a negligência governamental na proteção das mulheres, destacando a importância de discutir as questões no contexto do feminismo e da literatura de autoria feminina. Discursos de ódio contra as mulheres estão socialmente enraizados e é comum, ainda na atualidade, ouvir os seguintes enunciados: “não quer nada, porque está se fazendo de difícil” ou “não saí da relação porque quer ser sustentada”. Justificativas para a violência machista também se faz presente, vejamos: “bateu nela porque estava sob efeitos de álcool”, “a roupa que está usando é curta, desse jeito está pedindo para ser assediada”; “foi estuprada porque ficou se exibindo”. Muitos são os “porquês” justificando os atos de assédio, violação, agressão, estupro e poucos são as punições dos agressores. Além de tudo, a cultura de culpar a vítima se faz presente na América Latina.

Nos parece importante enfatizar que *Chicas Muertas* é uma obra de resistência e resiliência, no qual integram rastros de mulheres oprimidas no espaço privado, trazendo uma leitura crítica de uma problemática social. As histórias de Andrea, Maria Luísa, Sarita são exemplos do que as mulheres passam em uma estrutura patriarcal desinteressada pelos corpos femininos e um Estado que dá mais importância ao machismo e ao dinheiro do que a vida. Selva aponta para a reflexão de que ser mulher é ter medo, mas também é resistência e força para lutar por aquelas vozes que estão escondidas por receio de suas vidas. Finaliza o questionamento aos leitores: até quando as mulheres serão mortas, pelo simples fato de serem mulheres? Concluímos com a mesma indagação.

3. Considerações finais

Esse estudo partiu da análise do papel dos poderes públicos no romance-reportagem *Chicas muertas* da escritora argentina Selva Almada, desde uma perspectiva sócio-política. No desenvolvimento do trabalho, apontamos que a obra se caracteriza como narrativa de não ficção por representar fatos reais a partir de informações jornalísticas e familiares. O enredo evidencia



a luta da escritora por não deixar os casos de feminicídio caírem no esquecimento, como modo de combate contra a violência de gênero.

No delineamento teórico, discutimos sobre a importância dos movimentos feministas como ativismo de luta contra a discriminação, o sexismo e a opressão contra as mulheres ao longo do tempo. No contexto argentino, notamos que o feminismo tem proporcionado avanços significativos na busca dos direitos de todas as mulheres e na conscientização sobre as questões de gênero. Entretanto, ainda tem muito para melhorar em busca de alcançar uma sociedade verdadeiramente igualitária, em que mulheres e homens tenham as mesmas oportunidades, e que não haja desigualdade em um continente enraizado por preconceitos no meio social.

Nessa conjuntura, adentramos no assunto da literatura com base nos direitos humanos e nos debruçamos na Nova Narrativa Argentina, que se trata de uma geração de escritores de pós-ditadura empenhados em relatar experiências históricas -em muitas ocasiões apresenta o protagonismo de mulheres- que instauraram o horror cotidiano fragmentado por questões sócio-políticas. E é nessa geração de escritores, que se insere Selva Almada.

A mencionada escritora, se empenha em elencar a literatura com a vida social. Em sua obra *Chicas Muertas* (2014), demonstra sua responsabilidade com o passado, recordando três casos de feminicídio dos anos oitenta em que os assassinos ficaram impunes. O enredo atua como uma ação de enfrentamento aos poderes políticos que ignoram os fatos, confrontando essa realidade dolorosa, como dever de memória e luta contra o esquecimento.

A narradora nos aclara que a violência contra a mulher não é somente um problema individual, mas sim, social, em que todos devem lutar contra a discriminação, a agressão as mulheres e o feminicídio. Nesse sentido, é primordial que as autoridades públicas cumpram com a sua responsabilidade no enfrentamento contra o feminicídio e atuem em favor da proteção às mulheres. A luta pela efetivação dos direitos humanos deve ser de responsabilidade de todo cidadão.

Por fim, nos convém apontar que essa obra nos convida a refletir sobre as políticas públicas, a enxergar a realidade da violência de gênero e sobretudo a nos comprometer com a construção de um mundo mais igualitário, visando um futuro em que essas três jovens do livro, não sejam apenas lembradas como vítimas, mas sim como símbolo de luta por igualdade e respeito, e essa mudança urgente e necessária.

Referências



ALMADA, Selva. **Chicas muertas**. Buenos Aires: Mondadori, 2014.

ALMADA, Selva. **Garotas Mortas**. São Paulo: Todavia, 2018.

ARGENTINA. Ley 26.791 de noviembre 14 de 2012. Disponível em: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/205000-209999/206018/norma.htm>

Acesso em: 20 out. 2021.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**. Maringá: Eduem, 2007.

CAMÊLO, Ákyla Mayara Araújo. **Veán vé, mis nanas negras**: potencialidades da leitura de contos afro-colombianos nas aulas de ELE. Campina Grande: UFCG, 2022. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/30976>. Acesso em: 17 out 2023.

COSSON, Rildo. **Na fronteira, sem passaporte: o romance-reportagem e a crítica**. Rio Grande do Sul: Editora da Anpoll, 2002.

CUÑAS. Ana Gallego. **Feminismo y literatura (argentina) mundial**: Selva Almada, Mariana Enríquez y Samanta Schweblin. Granada: Universidad de Granada, 2020. Disponível em: <https://digibug.ugr.es/handle/10481/68743>. Acesso em: 19 out 2023.

SILVA, Eliane da. **Memórias e narrativas femininas como manifesto feminista**: uma análise de *Garotas Mortas* (2018) e *Praia dos Ossos* (2020). 2024. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/server/api/core/bitstreams/aefdfd66-272e-44bc-94bc-5d22b14df415/content>. Acesso em: 27 jul 2024.

DIAS. Leticia Otero. **O feminismo decolonial de María Lugones**. 8º ENEPED UFGD. 5º EPEX – Encontro de Ensino Pesquisa e Extensão. Mato Grosso do Sul: UEMS, 2015.

DRUCAROFF, Elsa. **¿Qué cambió y qué continuó en la narrativa argentina desde Los prisioneros de la torre?. El matadero**, n. 10, p. 23-40, 2016. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/matadero/article/view/4969>. Acesso em: 05 jan 2024.

LOPES, Claudiane. **Se aprueba en Argentina ley contra la violencia contra las mujeres**. 2020. Disponível em: <https://averdade.org.br/2020/06/lei-contr-a-violencia-as-mulheres-e-aprovado-na-argentina/>. Acesso em: 20 de out. 2023.

MARKENDORF, Marcio et al. **Críticas feministas e estudos de gênero: aderências**. 2020.

MILREU, Isis. **A inclusão da literatura de autoria feminina Latino-Americano nas aulas de ELE**: Um desafio contemporâneo. Campina Grande: Revista Leia Escola, 2019.